



Caldo Fino – Crônicas Sobre o Cotidiano no Amapá¹

Cláudia Maria Arantes de Assis²

Roberta Scheibe³

Universidade Federal do Amapá (Unifap)

Resumo

Este artigo apresenta o projeto Caldo Fino – Crônicas Sobre o Cotidiano no Amapá. Ao longo do ano de 2010, os alunos de Jornalismo da Faculdade Seama, do extremo norte do Brasil, foram estimulados em sala de aula à produção do gênero jornalístico Crônica. Eles tiveram contato com a teoria e a prática do gênero. Após, foram estimulados a participar de um concurso de crônicas, sob o aval de uma comissão julgadora. São 24 textos que foram indicados para publicação de um livro. As crônicas trazem temáticas diversas, que têm em seu âmago a história local de uma região amazônica riquíssima em tradições, folclores, lendas e gastronomias. Neste trabalho são apresentadas as principais características e estilos de crônicas e as temáticas adotadas pelos alunos no projeto Caldo Fino.

Palavras-chave: Crônica; Amapá; Caldo Fino.

Eis a crônica

A crônica brasileira tem uma característica única no mundo: escrever histórias com um pé na realidade e o outro na fantasia. Este gênero provém da literatura, da história, e mais recentemente, do jornalismo. Na literatura e no jornalismo mundial, ela

¹ 1 Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

² 2 Professora titular do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) jornalista graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: claudiamaria@unifap.br

³ 3 Professora Titular e coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. É graduada em Jornalismo e Mestre em Letras – Estudos Literários, ambos pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: roberta.scheibe@unifap.br

é um relato cronológico, de caráter histórico. Isto ratifica a afirmação do teórico José Marques de Melo (1994, p. 146), de que a crônica varia de lugar para lugar e confirma-se em um gênero controvertido na sua linguagem e caracterização.

A palavra crônica significa tempo. É de origem grega (*Kronos/Chronus/Cronus*) e tem um sentido vinculado a narração dos acontecimentos em ordem cronológica. Este gênero, segundo Vieira (apud COUTINHO, 1971, p. 108) tem dois significados: um voltado para a história, no sentido da cronologia do tempo; o outro ligado ao jornalismo no sentido de contar histórias e relatar os principais acontecimentos do dia através de uma visão autoral e inesperada.

Mário de Andrade (apud LOPEZ, in: CANDIDO, 1992, p. 170), em “Advertência”, escrito em 1943, diz que a crônica tem os seus traços definidos. Segundo o escritor, a crônica na origem jornalística é um texto informal, sem grandes pretensões, de estilo livre, com qualidade lírica ou irônica e sem perder o rigor da informação. Este gênero não é artigo, e sim, um texto liberto da rigidez estrutural de outros gêneros. Logo, a crônica brasileira – única no mundo – desenvolveu a liberdade na forma de expressão e no trato aos múltiplos assuntos. Os textos não têm regras preestabelecidas para a sua elaboração e não têm preocupação com a forma e o tamanho.

A crônica pode ser enquadrada como gênero jornalístico porque está encravada no conceito de tempo, submersa num momento; pertence ao temporal. Isto é o que afirma o cronista Carlos Heitor Cony (2003, p.100)⁴, que ainda reitera a feição atemporal da literatura, justamente porque é o oposto do factual e do período de tempo perpetuado pela linguagem jornalística. Para este autor, a crônica está “grudada” no tempo, porque faz o registro das circunstâncias em ordem cronológica. Na mudança do século XIX para o XX, concomitantemente ao registro cronológico do factual e da questão jornalística-informativa, a crônica reuniu a subjetividade do narrador. Assim, este tipo de texto contraiu uma relação de experiência com o tempo, não com a fidelidade aos fatos ocorridos, mas com os fatos vividos pelo cronista, a sua observação dos episódios e a sua visão de mundo nos relatos do texto. É a experiência do cronista com o tempo vivido.

⁴ 4 Entrevista concedida por Carlos Heitor Cony à Roberta Scheibe, em 2003, na Universidade de Passo Fundo, para a monografia intitulada “Crônica: o diálogo entre Literatura e Jornalismo”.

“Espírito do tempo” é a denominação que Margarida de Souza Neves (1982, p. 82) concede ao gênero crônica, justamente em função das suas peculiaridades de forma de expressão e conteúdos. São os fatos aliados à informalidade e a liberdade criativa que possibilita ao cronista o registro e a observação dos fatos e, paralelamente, a (re)construção da história através da imaginação. A este processo Neves chama de “cumplicidade lúdica”, porque oferece um resgate e uma (re)produção de um tempo e de uma história que se estabelece entre o autor e o leitor. E isto dá margem a diferentes e novas interpretações e leituras (NEVES, 1982, p. 82).

Como já foi dito no início deste artigo, a crônica, em sua definição, varia de lugar para lugar. Para José Marques de Melo, no gênero jornalístico a estrutura textual da crônica tem características e elementos comuns na Itália, França e Espanha. Algumas alegorias do gênero se modificam no jornalismo italiano, onde prevalece a crônica como uma informação observada e aferida pelo repórter que está presente em um determinado local. A crônica italiana, em determinados textos, se parece à reportagem brasileira. No jornalismo francês, denomina-se “crônica” a cobertura especializada que os jornalistas fazem de determinados setores da atividade social ou cultural. Já no jornalismo espanhol, utiliza-se o termo para indicar a produção jornalística que revela fatos, mas que também os analisa (MELO, 1994, p.148).

Na Inglaterra, como em outros países, por exemplo, a crônica tem um estilo que lembra as características do gênero luso-brasileiro⁵. Os ingleses a escrevem através das *action stories*, ou seja, histórias e fatos do cotidiano, contadas através do relato poético do real. “Na Alemanha, a crônica, chamada de *glosa*, também se parece com a brasileira, pois se caracteriza como um comentário breve dos acontecimentos habituais” (SCHEIBE, 2008, P.23).

A proximidade entre a crônica brasileira e a portuguesa é inevitável, uma vez que os primeiros registros textuais deste gênero aconteceram no Brasil, escritos pelo português Pero Vaz de Caminha. Também no jornalismo português, a crônica tem uma semelhança à brasileira. Para Letria e Goulão (apud MELO, 1994, p. 149), tanto na crônica brasileira quanto na portuguesa, os fatos são apenas “um pretexto para o autor da crônica”. Para Scheibe (2008, p. 23):

⁵ 5 A Carta de Pero Vaz de Caminha inaugurou a estrutura textual que mais tarde consolidou-se como crônica, daí a forte influência da crônica brasileira e lusitana sobre a crônica brasileira atual.

A grande ou pequena diferença entre a crônica portuguesa e a brasileira é que a primeira reconstitui os fatos, contando-os de maneira coloquial; a segunda, por sua vez, não necessariamente reconstitui os fatos, conferindo-lhes, isto sim, um novo significado e evidenciando neles uma dimensão poética, irônica e informal, não explicitada no jornalismo funcionalista e objetivo praticado em grande parte do mundo. A crônica luso-brasileira fundamenta-se numa linguagem curta e ágil; vincula-se à atualidade em razão de nutrir-se dos fatos do cotidiano e registrar atitudes e ações da coletividade.

Esta diferença de conteúdo, significados e – principalmente – forma da crônica, para Antonio Candido, geram uma inesperada, embora “discreta candidatura à perfeição”, sem, no entanto, tirar a humildade do texto. É exatamente por isso que o autor a chama de “gênero menor”:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (CANDIDO, 1992, p.13)

“Gênero menor”, na expressão de Candido, refere-se à utilização informal e despretensiosa da linguagem da crônica. Considerando-se o sucesso do estilo da crônica, a conclusão a que o teórico Telê Porto Ancona Lopez chega, dialogando com a idéia de Candido, é a de que “o leitor não só gosta como precisa de quem converse com ele, dizendo-lhe os sentimentos experimentados no dia-a-dia, frente aos fatos que todos conhecem de algum modo, ou frente às ocorrências da vida pessoal de quem escreve”. (LOPEZ apud CANDIDO, 1992, p. 166). Daí a importância da informalidade, coloquialidade e espontaneidade artística.

O gênero crônica incorporou uma linguagem prática, simples e coloquial, fazendo com que os assuntos – e o próprio texto – chegassem perto do leitor e da sua realidade. José Marques de Melo (2002, p. 149) escreve que a crônica brasileira apresenta duas fases bem distintas:

A crônica de costume – que se valia dos fatos cotidianos como fonte de inspiração para um relatório poético ou uma descrição literária – e a crônica moderna – que figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa.

Outro teórico que escreve sobre a caracterização da crônica é Martin Vivaldi. Para ele, a diferenciação da crônica torna-se necessária:

O característico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal. Não é uma câmera fotográfica que reproduz uma paisagem; é o pincel do pintor que interpreta a natureza, imprimindo-lhe um evidente matiz subjetivo. (VIVALDI apud MELO, 2002, p. 141)

Em função de sua temporalidade (no sentido de retratar um tempo), da publicação e do consumo diário dos textos em meios de comunicação, a crônica tem uma morte prevista, no sentido da factualidade, assim como uma notícia. O teórico Massaud Moisés (1986, p. 96) acredita que a crônica não resiste ao livro, em determinados casos, porque sucumbe ao tempo, seus temas são factuais.

De acordo com Jorge Sá, a simplicidade e a efemeridade são as principais distinções da crônica brasileira, segundo ele, decorrentes do gênero ter nascido no jornal impresso, “herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho” (SÁ, 1985, p. 10).

No entanto, é preciso argumentar que a questão da efemeridade nem sempre se justifica. Muitas vezes, quando aborda temáticas que ficaram (ou ficarão) para a posteridade, a crônica conquista a imortalidade. Estes momentos são chamados de “instantâneos de eternidade”, ou seja, privilegiam em seus textos aspectos universais. Scheibe escreve ainda que “devem ser levados em conta, ainda, os artifícios de publicação, como as antologias e coletâneas, ou a reedição de antigos periódicos em forma de livro, que podem favorecer a sobrevivência desse tipo de texto” (SCHEIBE,

2008, p.26). O tempo da crônica se refere ao jornalismo pela atualidade do cronista (e ou do jornalista) pelo fato de que este “vive no tempo e capta a mensagem do tempo, do seu tempo, da hora que passa, do dia a dia” (LIMA, A., 1960, p. 51).

Os aspectos de efemeridade e singeleza da crônica ao abordar o cotidiano são aliados ao conhecimento da arte lírica e/ou humorística na confecção de um texto. Como alerta Ferreira (1990, p. 24):

O importante é entender a essência da crônica: [...] escrita para o jornal, a crônica não deixa de apresentar no livro as suas marcas: texto curto; linguagem direta, espontânea, de imediata apreensão, portadora do arsenal metafórico que identifica as obras literárias; dirigida ao público médio; recriação da realidade cotidiana para servir de alimento espiritual ao leitor; sobrevive ao esquecimento rápido em virtude da afinidade entre o acontecimento e o mundo íntimo do escritor; através da subjetividade, da veracidade emotiva com que o cronista divisa o mundo, há o diálogo com o leitor, o interlocutor mudo.

A crônica brasileira sempre fez sucesso, porque atinge assuntos que, de uma forma ou de outra, fazem parte da vida dos leitores. As suas principais características são a opinião, o uso de recursos textuais jornalísticos e literários e a leveza de tema e de escrita. Resume-se a um texto crítico, misturando real e irreal, objetividade e subjetividade dos fatos.

O texto da crônica tem liberdade estilística. Pode ser escrita utilizando o foco narrativo tanto na primeira quanto na terceira pessoa, além de estabelecer diálogos. Deste modo, a crônica brasileira é objeto híbrido do jornalismo e da literatura, e é inserida no jornalismo diário como “arte do cotidiano”. Para Alceu Amoroso Lima, a crônica como arte é “uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra. Essa obra, para ser arte estética, e não apenas arte mecânica ou liberal, deve fazer do seu modo de expressão o seu fim” (LIMA, A., 1960, p.42).

Antonio Olinto é outro autor que defende o jornalismo (e a crônica) como estado de arte, porque a diferença entre jornalismo e literatura é o uso da informação, e a crônica deve ser considerada como a tradução de um acontecimento, ou um ponto de vista dele:

A verdade, no entanto, é que o jornalismo como obra de arte é sempre um salto além da rotina. É um trabalho de criação, com os mesmos sofrimentos dos da poesia e com a mesma possibilidade de conquistar o patético, o trágico, o pungente, que os acontecimentos trazem consigo. (OLINTO, s/d, p.66)

Neste diálogo entre a arte e a informação, o teórico Lopes define o gênero crônica como um texto escrito “ao correr da pena”:

A crônica pára no meio do caminho entre a literatura e o jornalismo, é gênero híbrido. Quando escrita, não se imagina em livro, nem dispõe de tempo necessário para melhor se preparar. É realmente escrita ao “correr da pena”, a qual, muitas vezes, está sob pressão do aviso que o número do jornal vai fechar e que restam poucas horas para pôr o texto no papel. Dessa premência decorre a grande espontaneidade da crônica, sua simplicidade na escolha das palavras – temas do dia-a-dia, do vocabulário da população. A crônica, por força de seu discurso híbrido – objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária -, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor. (LOPEZ, apud CANDIDO, 1992, p. 166)

Assim, como características do gênero crônica, estão a miscelânea de informação, observação, criação-imaginação, poesia e sentimento. A liberdade de sua narrativa abarca uma infinidade de temas reais ou não tão reais assim, que permitem liberdade na forma estilística. O texto preciso da crônica se fundamenta no cotidiano e na sua informalidade.

O projeto Caldo Fino

O livro ‘Caldo fino – Crônicas sobre o cotidiano no Amapá’ tem sua raiz um tanto quanto distante, mais precisamente na outra extremidade do país. A ideia surgiu de

um projeto que já existia no Rio Grande do Sul, conhecido por Crônicas Faquianas, cujo nome remete ao curso de jornalismo Universidade de Passo Fundo.

A iniciativa do Crônicas Faquianas partiu de dois alunos criativos Álvaro Henkes e Pedro Klein, mas foi com o empenho do coordenador do curso de jornalismo da época, João Carlos Tiburski, que o projeto ganhou força.

Atualmente o Crônicas Faquianas é referência em Passo Fundo, cidade conhecida por ser a capital literária do Rio Grande do Sul.

Anos após a criação do projeto de crônicas em Passo Fundo/RS, uma das precursoras, Roberta Scheibe, foi convidada para assumir a coordenação dos cursos de comunicação: jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas no Amapá em meados de 2008. Até então, a faculdade Seama era única instituição do estado a possuir cursos de comunicação.

Com o intuito de proporcionar oportunidades diferentes aos acadêmicos, no ano de 2010 a ideia trazida do Rio Grande do Sul para o Amapá surtiu efeito. Tínhamos diversos alunos cursando a disciplina Redação Jornalística I com Roberta Scheibe e Redação Jornalística III com Cláudia M^a A. de Assis. Portanto havia possibilidade de incentivá-los a escrever um gênero diferente das grandes redações. O espaço também foi aberto para ex-alunos que, em virtude de conhecimento e prazer pela escrita, gostariam de publicar suas crônicas. Dessa maneira, muitos alunos e ex-alunos viram nessa oportunidade um espaço para mostrar seus trabalhos e contribuir para a divulgação do cotidiano no Amapá, um estado considerado por muitos como esquecido.

Para que esse projeto fosse desenvolvido, primeiramente foi formada uma comissão organizadora, composta por Roberta Scheibe e Cláudia M^a A. de Assis e também uma comissão julgadora das crônicas enviadas, composta por Catarina Moutinho Vilhena e Jacinta Maria Gonçalves Carvalho.

Durante a realização do III Congresso de Comunicação da faculdade Seama, os alunos tomaram conhecimento das regras e prazos para envio das crônicas. Dessa maneira, os alunos iriam enviar as crônicas diretamente para o e-mail da coordenação. Posteriormente a comissão organizadora iria ocultar os nomes dos autores das crônicas e repassá-las para a comissão julgadora.

Ao todo foram quarenta crônicas enviadas pelos alunos e ex-alunos da faculdade. Em sua maioria, crônicas feitas por alunos dos cursos de comunicação e uma feita por aluno de outro curso do campus.

Após o posicionamento da comissão julgadora, vinte e quatro crônicas que retratavam o Amapá e outras escritas por pessoas dessa terra ganharam destaque no livro ‘Caldo fino – Crônicas sobre o cotidiano no Amapá’.

Como já foi dito, crônica é um gênero livre e que utiliza de muita criatividade. Sobre o que se refere a crônica, a professoras Jacinta Carvalho, que fez parte da comissão julgadora, escreveu um poema dizendo (2011, p.7): “*Cronicar é isso, escrever pra você, pra mim...Refletir ou simplesmente brincar de analisar fatos e situações que considere interessante. Cronicar é exercitar as palavras*”. Ainda fazendo referência ao termo crônica e em comparação ao jornalismo, que utiliza de fatos exatos e forma textual padrão, como é o caso da pirâmide invertida, a autora da crônica “Literatura na ponta do lápis”, Maiara Pires, diz que (2011, p.82):

Contar histórias e mais histórias de uma forma livre, sem regras de pirâmide invertida é a principal afronta ao jornalismo. Ela desafia toda estrutura de uma notícia. Não tem preocupação com o real. Por isso que às vezes passa por mentirosa ou caluniadora. Mas é a sua característica. Ela não está aí pra ser levada a sério. É isso o que muitos ainda não compreendem.

Esse posicionamento da autora nos remete às diferenças entre o gênero jornalístico e o gênero literário, no qual no jornalismo há uma receita certa para produção de matérias: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Porque?, também conhecida por pirâmide invertida. Enquanto que a crônica perpassa livremente pelo gênero jornalístico, apresentando informações de uma maneira única e muitas vezes descontraída.

Adentrando nos temas das crônicas produzidas por alunos e ex alunos da faculdade Seama, muitas delas apresentam a região norte, o estado do Amapá ou a capital Macapá como inspiração para escrever. Como é o caso da crônica “Uma lição de vida”, escrita por Clay Sam (2011, p.88):

São tantas as histórias da vida do nosso “caboclinho do Norte” e uma que me lembro bem foi a sua vinda para o Estado do Amapá. Ele chegou por volta do ano de noventa e quatro, quando o Estado ainda se preparava para seguir com suas próprias pernas, pois havia sido recentemente desmembrado do Pará.

A crônica de Igor Reale Alves (2011, p.17-18) intitulada “Alguma coisa sobre Macapá e seus habitantes”, também retrata a história de sua família na chegada ao Amapá.

Minha mãe residiu, na sua chegada, na Avenida Presidente Vargas 2348, entre Hildemar Maia e Santos Dummont, Bairro Santa Rita (na época, um lugar cheio de poeira e casas de madeira). Nasci perto dali, uns dois anos depois, no Hospital São Camilo.

Nesse caso como em outros, a descrição foi tão precisa que para os moradores da cidade ou para os visitantes fica fácil encontrar a localização dita pelo autor. Como também é o caso da crônica “A rua que conta histórias”, de David Diogo (2011, p.84) que narra lugares bem conhecidos pelos moradores e por turistas. Ele diz em seu texto que *“Tem apenas uma mão, várias ramificações e finaliza com a maior fortificação do Brasil colonizada pelos portugueses. Assim é a rua Cândido Mendes. Hoje, é a mais movimentada do Amapá.”* É perceptível que os textos em geral, além de tratar do cotidiano, também tratam da parte histórica, sociológica, geográfica e/ou climática da cidade ou do Estado. Assim, é possível pensar a crônica como um meio para fortalecer a identidade de determinado local, como melhor nos explica Maneul Castells (1999, p.47):

[...]a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletivo e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

Tomando como referências as palavras de Castells, também é possível vislumbrar no texto de Arthur Marcos Cerqueira Silvério intitulado “Sacola” em que as ideias expressas retratam o conhecimento e a vivência em determinado local. O que provavelmente seria impossível um desconhecido relatar com tanta precisão fatos que acontecem em determinada localidade. Arthur Marcos (2011, p.63) diz que, “[...] *esta cidade pacata, onde estão fazendo concurso, faz um calor, mesmo com tanta chuva[...]*”. O mesmo acontece com o texto de Clay Sam (2011, p74), autor da crônica “O democrático”, que narra um local querido entre os macapaenses e também aos turistas e visitantes, como vemos no trecho abaixo:

Pense num lugar onde flamenguista senta ao lado do vascaíno e ainda divide o mesmo tira gosto? Oposição e situação sentam no mesmo balcão e ainda dividem opinião? Em suma, seria mais ou menos você ver o Bush tomando chopp com o Fidel Castro e fumando um bom charuto cubano. Pois é, este lugar existe e está bem aqui no Amapá.

Assim, em um mundo tão diversificado e tão globalizado quanto o que vivemos hoje, ainda é possível encontrar algumas peculiaridade, como nos diz a pesquisadora Cícilia Peruzzo (2003, p.68),

O processo de globalização recoloca a questão das entidades. Elas giram em torno de raízes e refletem um campo comum de significados a um determinado número de pessoas. As identidades podem ser visualizadas partindo de diferentes esferas, tais como de uma história própria, dos valores, das práticas sociais, da língua - dialetos, da religião, tipos de solo e de clima, tradições etc.

Contudo, muitos fatos que acontecem em qualquer lugar do mundo, muitas vezes toma forma diferente dependendo do olhar crítico de quem escreve. É o caso do texto “A rua que conta história” de David Diogo (2011, p.84-85), que conta que,

A rua é palco de acontecimentos que o cotidiano esconde. Risos, lágrimas, seriedade... essas são as expressões de quem por ali passa de pé, carro e bicicleta. É o local de filas de banco, vendedores, anunciantes, entregador de papéis, manequins e

personagens que saem de casa para ganhar o pão de cada dia. Quem passa pela Cândido Mendes ouve de anúncio até a Palavra de Deus.

Todavia, é possível ver em qualquer rua, em qualquer lugar pessoas sérias ou sorrindo ou chorando. Mas, os acontecimentos da rua Cândido Mendes no centro de Macapá são particularidades da região.

E em se tratando de particularidades, ‘Caldo fino – Crônicas sobre o cotidiano no Amapá’ não fica de fora. A introdução no livro também é uma crônica que explica o nome da obra.

A crônica nada mais é do que um grande e fino caldo de tacacá (aqui no Amapá bom não é o caldo grosso, e sim o fino!), que faz grandes misturas com ingredientes simples e resulta num sabor exótico. É o caldo do tucupi (molho de cor amarela extraído da raiz da mandioca) com jambu, goma, chicória e camarão. Tudo junto e misturado. Para completar, é só jogar uma pimenta de cheiro. Ou seja, a crônica é um gênero híbrido entre o jornalismo, a literatura e a história. O ponto de partida é um fato. Real ou imaginário. A partir dele, nem o autor sabe mais onde vai parar (2011, p. 11-12)

Enfim, o livro ‘Caldo fino – Crônicas sobre o cotidiano no Amapá’ foi uma experiência gratificante tanto para as organizadoras quanto para os alunos e ex alunos que viram seus textos publicados e que pensam ter deixado o legado de continuar a produzir e a mostrar o que acontece no Amapá.

Recorrendo às palavras de João Carlos Tiburski (2011, p.10) “*A aventura de ler, escrever, editar e publicar em papel em preto e branco num mundo obnubilado pelo online e pelas cores é a prova e a recompensa de que os impressos terão vida longa*”. E é pensando dessa maneira que queremos seguir em frente com o projeto de crônicas no Amapá.

Referências bibliográficas

ASSIS, Cláudia Maria Arantes (org.); SCHEIBE, Roberta (org.). **Caldo Fino**: crônicas sobre o cotidiano no Amapá. Pará de Minas, MG: Editora Virtulbooks, 2011.

CANDIDO, Antonio (Org.). **Crônica**. São Paulo: Unicamp, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura- o poder da identidade. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONY, Carlos Heitor. **A escrava do tempo e seu adorador**. In: SCHEIBE, Roberta. *O diálogo entre literatura e jornalismo*. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Passo Fundo, 2003.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1971. Sem editora.

FERREIRA, Nélia do Nascimento. **A intertextualidade nas crônicas de Humberto de Campos** (1910-1934). Porto Alegre: PUC, 1990.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo**: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *Crônica*. Campinas: Unicamp, 1992.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro, s/d. Sem editora.

PERUZZO, C. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. Revista Comunicação e sociedade, 2004.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SCHEIBE, Roberta. **A crônica e seus diferentes estilos em Humberto de Campos**. Imperatriz-MA: Ética, 2008.